

Delacroix e Baudelaire: Correspondências Visuais em *La Liberté Guidant le Peuple* e *La Liberté Raisonnée*

Carlos Roberto Ludwig

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Brasil

Resumo: Esse ensaio apresenta um comentário sobre a obra de Cristina Lucas, *La Liberté Raisonnée* (2009), que faz uma releitura da obra *La Liberté Guidant Le Peuple*, de Eugène Delacroix, de 1830. O ensaio faz inicialmente uma leitura sobre o *tableau vivant* de Lucas, apontando correspondências visuais nessa obra. Em seguida, comenta algumas observações que Baudelaire fez sobre a obra de Delacroix, bem como uma leitura do poema *Os Faróis* (*Les Phares*) de Baudelaire, em que o poeta elogia os grandes mestres da pintura. Faz também observações dos ensaios de Baudelaire sobre as exposições e os salões franceses, bem como sobre a obra de Delacroix.

Palavras-Chave: Delacroix; Liberté Raisonnée; Baudelaire; Correspondências Visuais; Cristina Lucas.

Résumé: Cet essai présente un commentaire sur l'œuvre de Cristina Lucas, *La Liberté Raisonnée* (2009), qui fait une relecture de l'œuvre *La Liberté Guidant Le Peuple*, de Eugène Delacroix, de 1830. L'essai fait tout d'abord une lecture du *tableau vivant* de Lucas, tout en notant les correspondences visuelles dans cet œuvre. Ensuite, il commente quelques observations que Baudelaire fait à propos de Delacroix, autant qu'il fait une lecture du poème *Les Phares* de Baudelaire, dans lequel le poète fait un éloge des grands maîtres de la peinture. L'article fait aussi quelques observations à propos des essais de Baudelaire sur les expositions et les salons français, ainsi que sur l'œuvre de Delacroix.

242

Delacroix e
Baudelaire:
Correspondências
Visuais em *La
Liberté Guidant
le Peuple* e *La
Liberté
Raisonnée*

Carlos Roberto
Ludwig

Mots-Clés: Delacroix; Liberté Raisonnée; Baudelaire; Correspondences Visuelles; Cristina Lucas.

1. O Tableau Vivant

Cristina Lucas apresenta a obra *La Liberté Raisonnée* (2009) como um *tableau vivant* que reconfigura a obra de Eugène Delacroix, *La Liberté Guidant Le Peuple*. Nessa obra, figura Marianne conduzindo o povo e levando a bandeira tricolor. Essa obra, de 18 de outubro de 1830, é considerada uma alegoria da república e uma referência histórica, pois representa, nas três cores da bandeira, os três ideais *Liberté, Égalité, Fraternité*.

A obra original de Eugène Delacroix (1798-1863), *La Liberté Guidant le Peuple*, apresenta figurações cromáticas bastante vivas e fortes, que foram chocantes para a época.

243



Delacroix e
Baudelaire:
Correspondências
Visuais em *La
Liberté Guidant
le Peuple* e *La
Liberté
Raisonnée*

Carlos Roberto
Ludwig

Fonte: http://www.deuframat.de/deuframat/images/3/3_2/fekl/abb2_gr.jpg

As cores que causaram impacto no período, sobretudo para grandes artistas como Baudelaire, mas, sobretudo, causou uma recepção distorcida da burguesia acostumada com os clichês historizantes das obras da época. Nesse sentido, Baudelaire demonstra que

Un esprit superficiel pourra être choqué, au premier aspect, par l'accouplement de ces noms, qui représentent des qualités et des méthodes si différentes. Mais un oeil spirituel plus attentif verra tout de suite qu'il y a entre tous une parenté commune, une espèce de fraternité ou de cousinage dérivant de leur amour du grand, du national, de l'immense et de l'universel, amour qui s'est toujours exprimé dans la peinture dite décorative ou dans les grandes *machines*. (1863, p. 5)

O contraste entre cores escuras e o fundo claro em gradação para o escuro sugere conflito e paradoxos na obra. Compare agora a obra de Delacroix com a cena do *tableau vivant* representada com a Liberdade que conduz o povo, em seguida sobe no monte de destroços e agita a bandeira da França. Nesse momento, o *tableau vivant* forma uma imagem exata do quadro de Delacroix. Ato contínuo, a Liberdade solta a bandeira, cai e é brutalmente assassinada pelo povo.

O título do *tableau vivant*, *La Liberté Raisonnée*, é bastante irônico. A artista sugere que o que seria *raisonnée* (racional, lógica) não passa de um ato compulsivo de o povo matar suas próprias conquistas.

Além disso, a sugestão evocada pela trilha sonora é inquietante. Ao som da trilha sonora inicial do filme *Laranja Mecânica*, a artista sugere a projeção pendores, desconfortos, ideais e ideologias na arte, de modo que esta é sufocada por tais ideais que usam a arte como meio de expressar suas angústias e seus pendores sinistros. Ou seja, a sugestão sonora é de que a inquietante violência do *tableau vivant* é desencadeada por um inexplicável pendor, similar ao do filme do Kubrik, que reside nas zonas sombrias e obscuras da mente humana.



Fonte: <http://www.bienalmercosul.art.br/artista/221>

Assim, a liberdade, tão sonhada e almejada pelo povo, torna-se vítima de seus próprios idealizadores. Aqui Cristina Lucas parece sugerir também a angústia que o artista enfrenta ao ver sua obra de arte ser sufocada e submetida a valores sociais, políticos e ideológicos. Essa inquietação não é de hoje: Henry James já havia demonstrado tais angústias em seu conto *The Death of the Lion*. O artista é sufocado pelo público, que almeja fins mercadológicos e os críticos usam a obra do artista como um trampolim para sucesso, prestígio e reconhecimento.

Mas Lucas mostra tão somente um corte com uma espada no ombro da liberdade, desviando a atenção do corpo de Marianne para os rostos das personagens que representam o povo. Os olhos arregalados lembram, evidentemente através da sugestão trilha sonora, os mesmos olhares sinistros e inquietantes das personagens de

Kubrik. Assim, cria-se uma sensação de mal-estar ao se imaginar os golpes violentos que dilaceram o corpo de Marianne.

Cristina Lucas conseguiu ressaltar muito bem o traço selvagem e cruel do humano, que é tema frequente na obra de Delacroix. Como realça Baudelaire,

Tout, dans son oeuvre, n'est que désolation, massacres, incendies ; tout porte témoignage contre l'éternelle et incorrigible barbarie de l'homme. Les villes incendiées et fumantes, les victimes égorgées, les femmes violées, les enfants eux-mêmes jetés sous les pieds des chevaux ou sous le poignard des mères délirantes ; tout cet oeuvre, dis-je, ressemble à un hymne terrible composé en l'honneur de la fatalité et de l'irréparable douleur. Il a pu quelquefois, car il ne manquait certes pas de tendresse, consacrer son pinceau à l'expression de sentiments tendres et voluptueux (1863, p. 16)

A cena sangrenta representada na cena revela o pendor humano à violência. Mas a nova configuração dada por Christina Lucas é um dramatismo que insinua que a liberdade histórica conquistada pelo povo tem um destino fatal, pois o próprio povo mata a figura da Liberdade que guia o povo. Por isso, *La Liberté Raisonné* sugere que apesar de todas as lutas e conquistas, o próprio povo matou a revolução e todas as possibilidades de sustentar a liberdade como tal na nossa pós-modernidade.

2. Delacroix e a Leitura de Baudelaire: O Artista e sua Perfeição

Em vista da releitura proposta por Cristina Lucas, é importante lembrar muitas das qualidades de um artista como Delacroix. Nesse sentido, Baudelaire escreve o poema *Les Phares (Os Faróis)*, em *Spleen et Idéal*. Nesse longo poema, Baudelaire faz um elogio aos pintores da tradição artística, bem como aos seus contemporâneos. Dentre eles, estão Da Vinci, Rembrandt, Michelangelo, Rubens, Watteau, Goya e especialmente Delacroix. Eis parte do poema em que Baudelaire descreve a arte de Delacroix:

[...]Delacroix, lac de sang hanté des mauvais anges,
Ombragé par un bois de sapins toujours vert,
Où, sous un ciel chagrin, des fanfares étranges
Passent, comme un soupir étouffé de Weber;

Ces malédictions, ces blasphèmes, ces plaintes,
Ces extases, ces cris, ces pleurs, ces Te Deum,
Sont un écho redit par mille labyrinthes ;
C'est pour les cœurs mortels un divin opium !

C'est un cri répété par mille sentinelles,
Un ordre renvoyé par mille porte-voix ;
C'est un phare allumé sur mille citadelles,
Un appel de chasseurs perdus dans les grands bois !

Car c'est vraiment, Seigneur, le meilleur témoignage
Que nous puissions donner de notre dignité
Que cet ardent sanglot qui roule d'âge en âge
Et vient mourir au bord de votre éternité !

As colorações fortes se apresentam como essenciais na pintura de Delacroix, enfatizadas aqui na poesia de Baudelaire. O contraste entre vermelho e verde na primeira estrofe denota, com nitidez, o gosto pelos tons fortes para representar as tensões e sofrimentos das personas de sua pintura. Nesse sentido também, Baudelaire faz um belo estudo sobre a vida e a obra de Delacroix. As observações de Baudelaire sobre obra de Delacroix iluminam a crítica da arte. Para Baudelaire, “Delacroix, le dernier venu, a exprimé avec une véhémence et une ferveur admirables, ce que les autres n’avaient traduit que d’une manière incomplète.” (1863, p. 5). A veemência das cores ressalta o sofrimento humano, como é ressaltado nas segundas estrofes desse fragmento através dos gritos, lágrimas e Te Deum. O sofrimento humano é eternamente evocado e sentido. Tal sofrimento é enfatizado pela analogia com um farol que ilumina constantemente barcos à deriva na costa. Como afirma o poeta simbolista, “Son imagination, ardente comme les chapelles ardentes, brille de toutes les flammes et de toutes les pourpres.” (1863, p. 10)

Nesse sentido, Baudelaire afirma que

Delacroix e
Baudelaire:
Correspondências
Visuais em *La
Liberté Guidant
le Peuple* e *La
Liberté
Raisonnée*

Carlos Roberto
Ludwig

Ce mérite très particulier et tout nouveau de M. Delacroix, qui lui a permis d'exprimer, simplement avec le contour, le geste de l'homme, si violent qu'il soit, et avec la couleur ce qu'on pourrait appeler l'atmosphère du drame humain, ou l'état de l'âme du créateur, – ce mérite tout original a toujours rallié autour de lui les sympathies de tous les poètes ; (1863, p. 6)

Baudelaire destaca, em seguida, algo de misterioso na pintura de Delacroix. Na última estrofe, aparece a figura do Seigneur (Dieu), a quem é revelada a força pungente do sofrimento e da condição humana durante as eras. No entanto, tal sofrimento desfaz-se, morre (*vient mourir*) ao aproximar da grandeza e da eternidade Divina. O poeta sugere aqui tanto a efemeridade da vida, bem como do sofrimento humano. Mas diante da grandeza divina, a grandeza dos poetas e artistas é o único testemunho vivo da tal sofrimento. Há algo de misterioso e transcendente na poesia de Baudelaire cuja representação é almejada através da pintura de Delacroix. Para Baudelaire,

quel est donc ce je ne sais quoi de mystérieux que Delacroix, pour la gloire de notre siècle, a mieux traduit qu'aucun autre ? C'est l'invisible, c'est l'impalpable, c'est le rêve, c'est les nerfs, c'est l'âme ; et il a fait cela, – observez-le bien, monsieur, – sans autres moyens que le contour et la couleur ; il l'a fait mieux que pas un ; il l'a fait avec la perfection d'un peintre consommé, avec la rigueur d'un littérateur subtil, avec l'éloquence d'un musicien passionné. (1863, p. 5).

Essa dimensão inexplicável, misteriosa e divina é traduzida por algo *du sauvage*: Il y avait dans Eugène Delacroix beaucoup du *sauvage* ; c'était là la plus précieuse partie de son âme, la partie vouée tout entière à la peinture de ses rêves et au culte de son art. (1863, p. 14). Como que guiada um elã báquico que intoxica e domina, a obra de Delacroix surpreende o público com suas cores fortes, vibrantes, ardentes, seus contornos expressivos. A figura dos Centauros, tantas vezes representada por Delacroix, sintetiza muito bem essa dimensão *sauvage* que o pintor expressa em sua

obra. Como enfatiza Baudelaire, “Je vous ai dit que c’était surtout la partie naturelle de l’âme de Delacroix qui, malgré le voile amortissant d’une civilisation raffinée ; frappait l’observateur attentif.” (1863, p. 15-16). Apesar da preocupação em representar cenas forte que surpreendessem o público, Baudelaire nota que Delacroix não queria escandaliza-lo: “Eugène Delacroix a voulu ne scandaliser personne par le spectacle répugnant d’une agonie.” (1863, p. 23).

Referências:

BAUDELAIRE, Charles. *Les Fleurs du Mal*. Edição de Claude Pichois. Paris:

Gallimard, 2010. Coleção Folio Classique.

BAUDELAIRE, Charles. L’Œuvre et la Vie D’Eugène Delacroix (suivi de Sur Eugène Delacroix: Son Œuvre, ses Idées, ses Mœurs.) *Publié en trois parties dans L’Opinion nationale (2 septembre, 14 novembre et 22 novembre 1863) sous le titre Au rédacteur. À propos d’Eugène Delacroix.* Disponível em <http://baudelaire.litteratura.com/delacroixvieoeuvre.php#>, acesso em 20 de maio de 2011.

DELACROIX, Eugène. *La Liberté Conduisant le Peuple*. 1848. Disponível em http://www.deuframmat.de/deuframmat/images/3/3_2/fekl/abb2_gr.jpg, Acesso em 05 de setembro de 2011.

LUCAS, Cristina. *La Liberté Raisonnée*. (Tableau Vivant). 8ª. Bienal do Mercosul. Porto Alegre, 2009. Disponível em <http://bienalmercosul.siteprofissional.com/artista/221>, acesso em 05 de novembro de 2011.

Recebido em 15 de agosto de 2011.

Aprovado em 09 de setembro de 2011.